

OS DESAFIOS DO MINISTÉRIO DE JESUS

Textos de Mt 20. 17-28 e At 1. 3-11

PRELETOR: Ricardo Wesley Borges

DATA: 24/01/2010

MENSAGEM: culto

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar a meditação na palavra do Senhor, gostaria de compartilhar um pouco do que Deus nos tem permitido viver como família, experimentando as alegrias e desafios deste trabalho missionário junto aos universitários no Uruguai. Tive o privilégio de crescer numa família evangélica, sendo filho de pastor, e dou graças a Deus pela formação e experiência que tive no meu lar desde pequeno. Com dezessete anos saí de casa para estudar na Universidade de São Paulo, em Piracicaba. Lá descobri um grupo de estudantes cristãos que buscava viver a fé. Assim aprendi como é viver e compartilhar a nossa fé de uma maneira pública, procurando comunicar o Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo com a nossa vida, nossas palavras e nossas ações. Foi nesse tempo da universidade e participando deste ministério, que pude crescer, ser abençoado, buscar e discernir o que Deus tinha para mim no futuro. Já trabalhando há vários anos neste ministério com a ABU [Aliança Bíblica Universitária], orávamos pela necessidade que havia no Uruguai, como o único país em toda a América Latina onde não víamos um testemunho cristão ativo dentro das universidades. Longe de mim, querer dar alguma receita da maneira como Deus pode chamar cada um de nós, mas para mim e minha esposa Ruth ocorreu assim: orando e intercedendo por essa necessidade, aprendemos o que é o risco de orar por algo. Descobrimos que Deus pode nos chamar a ser parte da resposta à oração que fazemos. Foi isto o que Deus colocou em nossos corações e assim estamos lá, com nossas filhas, há três anos nesta obra missionária transcultural que é uma extensão da IBCU, que nos tem dado apoio.

O Uruguai é um país bastante secularizado, uma secularização precoce na História do continente latino-americano. Com leis de divórcio sendo aprovadas desde o início do século XX, uma mentalidade e atitude muito anti-religiosa, mas em especial anti-cristã na sociedade e principalmente no mundo estudantil. Deus nos chamou para este tipo de desafio. Chegamos sem saber bem o que haveríamos de experimentar e viver ali. O primeiro ano foi bastante difícil e de muito aprendizado. Uma palavra de um irmão, antes de irmos para o Uruguai, nos ajudou e consolou bastante no começo. Ele falou: “lembre-se de que chegando no outro país você tem que aprender e voltar a ser criança”. É difícil, parece que Jesus já falou algo parecido, sobre entrar no Reino de Deus e voltar a ser criança. Isso envolvia aprender os códigos, não apenas a língua, mas os códigos culturais, o que funciona e o que não funciona. O tipo de ministério ou o tipo de coisa que fazíamos aqui nas universidades do Brasil não necessariamente seriam as que funcionariam ali. O aprendizado incluía, às vezes ser humilhado na presença do Senhor, buscando aprender de novo e ver como poderíamos ser úteis nas mãos de Deus para o desafio ao qual Ele nos chamou. A partir do segundo ano passamos a ver coisas lindas acontecendo: os estudantes abraçando a visão, buscando formar grupos nas universidades de Monte Video. Metade da população do país está na capital e a maioria absoluta da população universitária está na

capital, onde vivemos. Com a graça de Deus hoje vemos lá cinco grupos de estudantes cristãos em cinco centros universitários, distribuídos em diferentes faculdades e diferentes partes da cidade. São jovens cristãos que às vezes se sentem tímidos, ou intimidados com o ambiente hostil à quem se identifica como cristão. Mas eles já abraçaram isto, e vêm e compartilham com o sorriso no rosto, ou às vezes com lágrimas nos olhos, esse grande desafio de compartilhar a sua fé com o amigo não cristão, ou de presentear uma bíblia. E este amigo não cristão começa os primeiros passos, com todos os preconceitos que tem a respeito do que significava o Evangelho. Oramos para que estas sementes que estão sendo semeadas produzam muitos frutos para a glória de Deus naquele país. Ruth está bastante envolvida, tanto apoiando o ministério estudantil quanto no ministério de uma igreja Batista, num bairro de pouca presença evangélica, trabalhando com pessoas com incapacidades mentais. Esta igreja está buscando ser um testemunho ativo ali e eu estou cooperando na área de educação cristã. Minha filha de onze anos nos deu a grande alegria de ter sido batizada recentemente.

Iniciando a pregação, gostaria de abordar em primeiro lugar o texto de Mt 20. 17-28 que diz: *“Enquanto estava subindo para Jerusalém, Jesus chamou em particular os doze discípulos e lhes disse: ‘Estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para que o zombem dele, o açoitem e o crucifiquem. No terceiro dia ele ressuscitará!’”* Então, aproximou-se de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e, prostrando-se, fez-lhe um pedido. *“O que você quer?”*, perguntou ele. Ela respondeu: *“Declara que no teu Reino estes meus dois filhos se assentarão um à tua direita e o outro à tua esquerda”*. Disse-lhes Jesus: *“Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu vou beber?”* *“Podemos”*, responderam eles. Jesus lhes disse: *“Certamente vocês beberão do meu cálice; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai”*. Quando os outros dez ouviram isso, ficaram indignados com os dois irmãos. Jesus os chamou e disse: *“Vocês sabem que os governantes das nações os dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre eles. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”*. O segundo texto é At 1. 3-11: *“Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus. Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: ‘Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei. Pois*

João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo". Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: "Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?" Ele lhes respondeu: "Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra". Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles. E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: "Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado ao céu, voltará da mesma forma como o viram subir".

Oremos: Graças Senhor por tua Palavra. Pedimos que o mesmo Espírito do Senhor que inspirou a tua Palavra no passado nos ajude neste momento. Prepare o nosso coração e o nosso entendimento para receber a tua Palavra e nos ajude com disposição em nosso íntimo para obedecer àquilo que o Senhor tem para nos dizer. Assim te pedimos em nome de Jesus. Amém.

Vemos aqui dois momentos da vida e do ministério de Jesus. Um, em que Ele avisa seus discípulos buscando prepará-los para o que estava a acontecer: a sua paixão, sofrimento e morte. No segundo momento, logo depois da ressurreição, Ele orienta os seus discípulos para quando não estiver mais fisicamente junto deles. Isso nos ajuda a pensar no tipo de pergunta: O que fazemos quando o chefe não está? Creio que quase sempre tive a experiência de ter o meu escritório em casa, mas conversei com alguns amigos que sempre tiveram um ambiente de trabalho onde o chefe estava por cima do ombro deles o tempo todo. Às vezes mudaram para uma dinâmica de ter de trabalhar sozinhos, e então me pediam ajuda sobre como é ter de trabalhar quando não tem ninguém mais te supervisionando, se você está sendo produtivo e efetivo no seu trabalho. Como é que Jesus preparou os seus discípulos para levar adiante uma obra quando Ele pessoalmente não tivesse mais junto deles? Parece-me que o desafio de Jesus foi animar os seus discípulos para ver que passos eles deveriam dar em direção a uma fé madura. Os textos que lemos nos apontam algo a respeito das nossas ambições, desejos e expectativas. Também apontam as expectativas dos discípulos de Jesus em relação ao ministério que Ele fazia e em relação à própria participação deles no ministério. Isto me faz pensar que uma das perguntas que às vezes nos incomoda, e que na juventude há sempre esta pressão: "o que você vai ser na vida? Como você espera ser reconhecido e valorizado pelas outras pessoas, com o que você faz hoje ou no futuro? E como é que Jesus nos ensina a lidar com estas pressões da expectativa de reconhecimento e valorização pública, da nossa identidade pessoal ou do nosso envolvimento no ministério?" Eu me lembro de uma vez, quando estava trabalhando no ministério da ABU e fui a uma conferência missionária. Era o começo da década de 90 e havia líderes eclesiásticos de todo o Brasil. Eu muito jovem, começando a trabalhar com este ministério, aproximou-se de mim um líder eclesiástico, e me perguntou: "Você trabalha com a ABU?" E eu respondi: "Sim, né?... esta coisa de evangelizar estudantes, e tal..." Então ele me disse: "Você sabe que a ABU já produziu no passado muita gente importante, famosa?" E eu: "Ah, é mesmo?" É claro, eu sabia que havia pessoas que tinham militado em sua época, como estudantes universitários, buscando evangelizar outros estudantes, e por razões da vida aconteceu que depois escreveram livros e se tornaram pessoas de destaque ou conhecidas. Então ele chegou para mim e lançou a pergunta: "Onde estão os famosos, as pessoas de destaque que vocês estão produzindo hoje na ABU?". Eu me senti

meio que jogado contra a parede, encurralado: "E agora o que respondo?". Mais adiante vou dizer o que respondi.

Neste nosso tempo no Uruguai, procurando ser crianças em uma nova cultura, uma das dicas que eu havia recebido era: "Busca conhecer mais da cultura do país para onde você vai; conhecer da política, da história, da literatura." E eu comecei a ler alguns autores uruguaios e descobri no ano passado um autor chamado Juan Carlos Onetti, considerado talvez um dos maiores escritores da História do Uruguai. Fui lendo algo que achei muito interessante, e resolvi ler a biografia dele. Descobri que ele foi uma pessoa que não teve reconhecido publicamente. Por quase a vida toda ele passou despercebido do reconhecimento público. Já no final da sua vida é que começou a receber prêmios e reconhecimento. Mas parece que ele era um tipo meio mal-humorado e no final da vida, quando teve o reconhecimento público, não aceitou isto. Por exemplo, houve um tipo de recepção organizada pelo rei Juan Carlos da Espanha, em uma conferência de escritores na Espanha, onde o rei queria dar a ele uma medalha. O escritor resolveu ficar no quarto de hotel, fechado, e dizendo: "Eu não vou não...". Disseram: "Mas é o rei que está te esperando!". E ele disse: "Eu não quero saber do rei!" E não quis mais saber disso. Então, esta pergunta que me haviam feito: "Onde estão os famosos?" me levou a uma frase que Juan Carlos Onetti costumava dizer: "A fama é uma questão de mal-entendido." Uma citação direta dele foi: "A grande maioria dos nossos escritores trata de alcançar o triunfo, e aí se chega de maneira acidental, nunca deliberada." Na verdade, se alcançamos o êxito, dizia ele, nunca seremos artistas plenamente. O destino do artista é viver uma vida imperfeita. É claro, eu deixo para os críticos literários definirem se este é simplesmente o drama e o arroubo de um artista que diz: "Ah, a minha vida sempre vai ser imperfeita, é na tragédia que eu vou produzir arte..." Eu não domino muito o tema para entrar neste mérito. Entretanto, isso me fez lembrar da pergunta que o líder tinha me feito, e me fez pensar no papel, por exemplo, de muitos dos profetas bíblicos, que aos olhos dos homens não foram bem-sucedidos. Não foram escutados, eram rejeitados, açoitados e sofriam em sua própria carne a dor de serem portadores da Palavra de Deus. Com certeza não podemos dizer que muitos dos personagens bíblicos, especialmente os profetas, tornaram-se famosos e bem-sucedidos do ponto de vista humano.

I – UM PEDIDO INSÓLITO

Voltando aos discípulos de Jesus e sendo que Ele buscou prepará-los para o que viria depois de sua morte, ressurreição e ascensão, nos cabe uma pergunta: Será que a preocupação com o reconhecimento humano, com a fama, foi um problema do qual os discípulos de Jesus estiveram imunes? Ou foi algo que "pegou pesado" para eles também, esta tentação do reconhecimento externo? Vimos no primeiro texto, Mateus 20, que houve um encontro de Jesus com seus discípulos, em que Ele anuncia o sofrimento que haveria de passar. Nesse encontro houve um pedido insólito da mãe de dois dos seus discípulos. Assim, podemos pensar sobre este momento mais estranho, mais inadequado que esta mãe podia ter para fazer este pedido! Jesus havia dito: "Eu vou morrer, vou passar por sofrimentos, vai ser difícil o que nos espera em Jerusalém. Eu vou morrer, mas vou ressuscitar..." Aí, parece que desconectado com o que Jesus está falando, a mãe diz: "Vem aqui Jesus, posso te pedir uma coisa? Separa um lugar especial para os meus filhinhos, um à sua direita, o outro à sua esquerda?..." O que levou a mãe e os dois discípulos a este pedido? É interessante que vejamos que a resposta de Jesus à mãe é uma resposta no plural: "Vocês não sabem o que estão pedindo." No texto paralelo, no Evangelho de Marcos, capítulo 10, aparece que os dois discípulos chegam a Jesus e fazem esse pedido. Então, foram os dois

discípulos ou foi a mãe? Os Evangelhos paralelos, ou sinópticos, nos revelam detalhes ricos e às vezes diferentes de uma história única. Isto nos ajuda a perceber que com certeza Marcos prestou mais atenção para o fato de que os dois discípulos pediam, enquanto chamou a atenção de Mateus que era a mãe que estava apresentando os filhos e dando o maior apoio. Entretanto, podemos ver que foi um projeto familiar da mãe e dos dois filhos, querendo ocupar o seu espaço de poder neste projeto, que era a expectativa deles a respeito do projeto de Jesus. O que os levou a isso? O que leva a um pedido desses? Talvez pudéssemos dizer que para a mãe é mais fácil, pois mãe quer sempre tudo de melhor para os filhos: “Ah, meus filhos... eu morro, mas é para os meus filhos terem um lugar especial!” E os pais irão dizer: “Não, não são só as mães, não! Não ponham só as mães neste problema! Nós também fazemos isto pelos filhos!” E é verdade, eu também faço isto pelas minhas filhas. Nós sempre queremos o melhor para nossos filhos. Às vezes com um método ou atitude equivocados, mas entendemos esse tipo de atitude de quem busca o melhor para seus filhos. Outro motivo pode ter sido uma ambição ou desejo de poder. Ou ainda uma falta de compreensão acerca do tipo do Reino de Deus que Jesus estava estabelecendo. É possível que seja cada uma destas razões separadamente ou uma mistura destas motivações no pedido da mãe e dos dois discípulos. Agora, nos impressiona ver a resposta dos discípulos, quando Jesus os aperta e diz: “Vocês não sabem o que estão pedindo”. A resposta deles com muita auto-confiança é: “Sim, sabemos”. E Jesus estava falando: “eu vou passar por sofrimento, por humilhação, por dor, por morte. Vocês sabem o que estão pedindo?” E eles confiantemente dizem: “Sim, sabemos. Não só sabemos como podemos passar por isso.” Ao que Jesus então os alerta: “Olha, é verdade, vocês beberão do meu cálice. Talvez não exatamente da mesma maneira que eu beberei, mas vocês beberão”. Possivelmente, esta era uma referência de Jesus ao martírio que Tiago e João iriam sofrer. Tiago morrendo pela espada, com registro em Atos 12.2, e o exílio de seu irmão João na ilha de Patmos, registrado em Apocalipse 1.9. Tiago e João, que talvez tivessem pensado: “Esta era a oportunidade! Nós somos do círculo mais íntimo!” Havia os doze, mas dentre estes havia o círculo mais íntimo de três discípulos formado por Pedro, Tiago e João, que tinham mais intimidade com Jesus. E neste momento quem sabe um tenha dito para o outro: “Olha irmão, vamos aproveitar que estamos juntos nessa, não é mesmo? Vamos aproveitar que Pedro está cochilando, na hora da cesta, para pedir um lugar especial. Colocamos Pedro para escanteio e assim conseguimos um lugar de destaque!” Ainda vou falar um pouquinho sobre Pedro, mas a questão é que não dá para fazer vilões nesta história. É muito fácil para nós lermos a Bíblia e apontarmos: “Ah, olhem Davi, olhem que pecador!”. Mas vejamos bem, não dá para olhar para o texto e fazer vilões da história sem entender que Deus está querendo dizer que isto faz parte da natureza humana. Faz parte da natureza de Tiago e João, da nossa natureza também e de cada um dos outros discípulos, que quando ouvem o que está acontecendo se indignam com o pedido de Tiago e João. Mas porque se indignam? Talvez porque Tiago e João tiveram uma mãe que teve a coragem de pedir algo para eles, ou porque eles mesmos tiveram a valentia de ir a Jesus tentar “cavar” o lugarzinho especial deles. Os demais discípulos talvez tenham pensado: “Caramba, deixei passar a oportunidade”. Estavam indignados, revelando que muito provavelmente tinham a mesma motivação oculta no seu coração. Talvez este seja um alerta para nós agora, pois buscar destaque, posição de poder, é algo que passa pelo nosso coração enganoso. Na verdade, se resistimos em admitir isto, pode ser um mau sinal. Dizemos: “Ah, este negócio de fama e destaque, isto não mexe comigo! Isto não me tenta!” Eu não voto em alguém para a tesouraria da igreja que me diz: “Dinheiro não me tenta, isso

não é problema para mim!” Porque quando eu acho que alguma coisa não vai me afetar, eu fico vulnerável e aberto justamente àquela área de tentação na minha vida. Creio que precisamos reconhecer e admitir a nossa natureza humana. Atentar às palavras do profeta Oséias: “Espero que reconheçam o seu pecado.” E ao reconhecer a nossa natureza pecaminosa talvez estejamos mais preparados.

Jesus então os alerta num contraste, numa comparação, dizendo: “Olhem, prestem atenção, porque no mundo as pessoas buscam poder e destaque. O poder é usado para oprimir os outros, para que as pessoas abusem da sua posição de autoridade e ganhem privilégio para si mesmas.” Jesus vai dizer adiante: “Prestem atenção, no Reino de Deus é diferente, quem recebe poder, os que são chamados para serem líderes, servos no reino de Deus, são chamados para estarem na base da pirâmide.” São chamados para, com o poder que recebem, com o exercício do talento e do dom que Deus lhes dá, colocarem-se a serviço de outros e não para obter privilégio para si próprios, como se essa fosse a finalidade. Mas são servos e escravos dos demais e, em especial, do próprio Deus e de seus propósitos. A caminho da paixão e sofrimento, Jesus então os alerta: “Amadureçam e cresçam na vivência do serviço e de oferecer a vida em favor dos outros, porque este é o modelo que estou deixando para vocês.”

II – COMO JESUS NOS PREPARA PARA A MATURIDADE

Após Jesus já ter passado pelo sofrimento, morte e ressurreição, Ele se encontra por quarenta dias com os discípulos, antes do seu retorno ao Pai. Quando Jesus sobe aos céus, estes discípulos recebem uma exortação de dois homens vestidos de branco: “Por que vocês estão aqui cravados no chão, com os olhos fixos no céu? O que vocês estão esperando aqui?” E ainda dizem: “Este que subiu voltará da mesma maneira como vocês os viram subir”; e diz o texto que eles voltaram para Jerusalém. Voltaram para a sua realidade, para os desafios da fé no contexto onde viviam, trabalhavam, comiam e se relacionavam. O que aconteceu logo após a ascensão de Jesus para prepará-los para este retorno a Jerusalém? Creio que há aqui algumas pistas preciosas, em que podemos ver como Jesus nos prepara para a maturidade, para o exercício da fé, do ministério, do chamado, da vocação que Deus tem para cada um de nós, o povo de Deus em missão na terra. Ao falar sobre preparar para a maturidade, é interessante ver que isto é um processo para cada um de nós. A vida humana nos ensina que é assim. Quando somos crianças, bebês, precisamos ser cuidados, alimentados, protegidos. Dizem os biólogos que o “filhote” do ser humano, se comparado aos dos outros animais, talvez seja o que precisa de mais cuidado e proteção, até chegar ao ponto em que está maduro para encarar sozinho os desafios da vida. Parte do processo de crescimento dos nossos filhos e nosso é que passamos a assumir responsabilidades em algum momento de nossas vidas. Toda a formação e cuidado que recebemos nos servem para que façamos escolhas e assumamos responsabilidade pelas escolhas que fazemos. Jesus sabia disto. Ao passar quarenta dias com os discípulos depois de sua ressurreição, isso indica que Jesus conhecia as nossas limitações. Ele estava interessado em nos animar, nos alentar, para que caminhássemos em direção à maturidade da fé. Não importa idealizar em que etapa você está neste momento de sua caminhada de fé no Senhor. Ele quer ir ao seu encontro e lhe ajudar e animar a crescer a partir de onde você está. Pode ser que alguns estejam mais imaturos. Por exemplo, este foi o caso de Tomé depois da ressurreição, que não creu nos testemunhos. É interessante que Jesus se revela primeiramente às mulheres antes de se revelar a seus próprios discípulos, apesar de naquela época as pessoas não confiarem no testemunho delas. Os outros discípulos já haviam visto o Senhor também, então Tomé não tinha sequer a desculpa do

gênero. Ele disse: “Só acredito vendo. Quero ver e quero por a minha mão.” E Jesus faz justamente isto com Tomé. Disse a ele: “Vem Tomé. Está me vendo? Põe a mão aqui. Agora você acredita? Bom, me alegro. Mas muito mais felizes vão ser aqueles que sem ver vão acreditar.” Esta é uma maneira de Jesus dizer que estas pessoas vão aprender a alegria, a esperança e a felicidade de ter uma fé mais madura do que a fé que Tomé tinha naquele momento. Jesus passa quarenta dias com os seus discípulos, dá evidências concretas da sua ressurreição, lhes fala do reino, dá instruções e uma promessa: “Eu voltarei. Enviar-lhes-ei o Espírito Santo, que estará com vocês orientando e ajudando nesta caminhada. Vocês não estarão sozinhos”. Ou seja, Jesus sabia que eles precisavam de orientações claras e de palavras de esperança e de promessa também. Creio que Jesus nos prepara e preparou os discípulos para a maturidade quando os desafiou e quando nos desafia quanto às nossas próprias agendas e interesses. Quero compartilhar que eu creio que é um sinal de imaturidade quando pensamos que já sabemos das coisas. Dizemos: “No Reino eu já sei, é assim que se faz. Essa é a receita, esse é o jeito de trabalhar”. Eu me lembro como foi difícil quando estava indo para o Uruguai e recebi uma palavra de um irmão mais experiente na fé que me disse: “Ricardo, esqueça a maneira como se faz o ministério e aprenda de novo”. E eu disse: “Mas como eu vou esquecer?! E os meus anos de ministério com a ABU?”. E ele me alertou: “Esqueça! O seu êxito e as coisas boas que você conseguiu fazer quando estava neste ministério serão a sua principal armadilha quando você assumir um novo desafio em um lugar diferente”. Graças a Deus por esta palavra que eu recebi! Porque é uma tentação muito grande eu chegar achando que já sei como se faz a coisa. Achando que eu já sei que com certo passo, mais outro e um outro, está feito e vamos chegar ao sucesso do ministério ou de uma empreitada. E como precisamos da humildade de trabalhar em uma equipe, na comunidade do corpo de Cristo, onde há irmãs e irmãos que nos desafiam e nos alertam: “Olha, eu acho que não é bem por aí, vamos pensar mais, vamos orar mais, vamos conversar. Você tem certeza de que é assim?”. Desta forma se revela como o Senhor e o Espírito Santo de Deus agem no meio do seu povo.

Jesus já nos alertava sobre esse Espírito Santo que vem com poder sobre nós: “como vocês pretendem usar esse poder do Espírito que descerá sobre vocês?” Logo naquele momento da ascensão houve esse ato falho dos discípulos, que disseram: “Ah, será que é agora, ou quando que o Senhor vai estabelecer o seu reino em Israel?” E o alerta é: “Vocês querem usar o poder do Espírito Santo que descerá sobre vocês para a agenda que vocês estão trazendo para Deus? - Senhor, restaura o Reino do jeito que nós estamos pensando aqui” (lembram a história de Tiago e João e os demais “ministros”?) Ou o poder do Espírito Santo de Deus que descerá sobre eles chegará com um propósito diferente? É claro que o propósito era outro: “E receberão o poder para serem minhas testemunhas em Jerusalém, Judéia, Samaria e até os confins da terra”. Aqui, ali perto, no Haiti, acolá, até os confins da terra. O poder do Espírito Santo que vocês receberão será não para buscar a sua própria agenda e interesses, mas para fazer cumprir os propósitos do Reino de Deus na Terra. Então vemos que o Senhor também nos chama a desenvolver esta fé madura. A palavra dos homens vestidos de branco vem para que eles voltassem à vida: “Voltem à vida, mas agora com a direção do Espírito de Deus. Busquem desenvolver uma fé madura, que tenha a marca da esperança no futuro. Ele virá outra vez”. Todos os esforços dos discípulos precisavam estar marcados com essa perspectiva da esperança no futuro. As dificuldades, a perseguição, a dureza, a rejeição ao trabalho, os obstáculos, nós os enfrentamos. Inclusive o sucesso e o êxito, porque podemos pensar: “Olhem, já

estabelecemos o Reino na Terra, está tudo feito!” Não, nós precisamos continuar em fidelidade ao Senhor, marcados por esta perspectiva da esperança naquilo que Ele há de completar no futuro, na sua segunda volta, no novo céu e na nova Terra. Todos os nossos esforços quer sejam na evangelização, no serviço da proclamação, na urgência, na cooperação, na confiança na justiça do Senhor no final dos tempos, o nosso ministério e a nossa vida precisam ser marcados por esta esperança no Senhor. Chegando à conclusão sobre como o Senhor Jesus queria nos ensinar e preparar, é interessante perceber como Ele desafiou os dois discípulos Tiago e João. Mas havia o outro discípulo mais íntimo, Pedro, que teve um papel muito importante de liderança na Igreja primitiva, neste grupo dos primeiros discípulos, os apóstolos. Como foi que Jesus procurou preparar também este outro discípulo íntimo para os desafios que viriam adiante? Depois que já haviam passado a paixão, dor, sofrimento, morte e ressurreição do Senhor, e após este discípulo haver negado o Senhor por três vezes, Jesus se encontra com Pedro preocupado com a sua restauração e diz o seguinte (João 21.18): *“Digo-lhe a verdade: Quando você era mais jovem, vestia-se e ia para onde queria; mas quando for velho, estenderá as mãos e outra pessoa o vestirá e o levará para onde você não deseja ir”*. Como seremos eficientes no Reino de Deus? Ou talvez a pergunta seja: “como seremos maduros na nossa fé e no exercício da obediência ao chamado do Senhor?” Às vezes ao falarmos de eficiência, colocamos a ênfase em nós mesmos, na nossa capacidade de planejar, administrar e implementar projetos e realizar o ministério ao qual Deus nos chama - somos eficientes, o poder está nas nossas mãos, eu controlo os processos! E vem Jesus para restaurar Pedro, um discípulo quebrado na sua dor, na negação a Jesus (o que deve ter quebrado a sua personalidade, o seu íntimo e o seu desejo de continuar servindo ao Senhor). Aquele que era tão impulsivo e tão adiante dos outros para falar, quebrado pela sua própria falência, e Jesus diz a ele: “A maturidade na vida será quando você não estiver mais no controle. A maturidade no ministério será quando o resultado não estiver mais nas suas mãos, quando você não tiver controle sobre os métodos. Se nesse momento você for fiel a mim, você mostrará publicamente a mim que aprendeu a ser maduro na fé”. Não é uma palavra fácil. A mim me provoca e me desafia. Como devemos lidar com estes temas do orgulho, poder e serviço no Reino, quando parece que somos provocados por Jesus, que diz que a maturidade é quando somos levados e não temos todo o controle nas mãos? E o modelo que Jesus nos oferece é o suor da sua própria entrega e sacrifício por amor de outros, em que Ele está nas mãos dos outros, para poder resgatá-los e toda a humanidade e toda a criação com Ele mesmo e com o Senhor da criação. Em João 17.18 diz: *“Da mesma maneira que o Pai me enviou ao mundo eu estou enviando vocês ao mundo agora”*. O modelo de missão então é o próprio modelo de envio pelo qual o Senhor enviou Jesus ao mundo.

CONCLUSÃO

Para terminar, volto à pergunta que me fez aquele líder: “Onde estão os famosos? Como você está trabalhando para conseguir reconhecimento público?” Ora, temas de reconhecimento público têm a ver com duas tentações: a primeira é a tentação da rejeição. Não foi isso que aconteceu com Pedro? A perseguição, o medo da rejeição, de ter de passar por tudo aquilo, possivelmente levou Pedro ao abandono da sua verdade íntima, da sua integridade no seguimento de Jesus. No entanto, será que o aplauso, a fama e o reconhecimento também não são tentações?

Poucos séculos depois do que acontece com os discípulos, vamos ver que a fé cristã passa a ser a fé da moda, a fé oficial do Império Romano - o principal da época. E será que o aplauso, a fama e o reconhecimento público não eram levados por um

incidente histórico, uma contingência, uma tentação da distração da fidelidade ao chamado do Senhor? Porque agora eu passo a querer manter a popularidade e a fama, sempre buscando atender às expectativas daqueles que me colocaram em destaque, em posição de fama. Quanto à resposta que dei àquele líder eclesástico, na verdade, antes de falar eu fiquei meio mudo por um tempo. Foi num almoço, eu estava comendo o meu frango com farofa. A farofa ficou meio entalada na garganta e, engasgado, pelo menos me deu um tempo de pensar um pouco. Ao fim, muito timidamente, eu disse assim: “Com todo o respeito, eu acho que não importa a pergunta, não a vejo com relevância, porque a fama é uma contingência, o reconhecimento público é uma casualidade. O que importa é se estamos preparando discípulas e discípulos do Senhor, íntegros e fiéis ao seu chamado, fazendo o que o Senhor os chama a fazer. Talvez saindo para muitos lugares no Brasil e no mundo onde não haverá flashes, microfones e holofotes; colocando atenção na sua fidelidade, nas pequenas coisas ou numa obra fabulosa onde ninguém está vendo isso. Mas se você for fiel ao Senhor onde Ele está te chamando, fiel no serviço e no sacrifício, isto é a posição de destaque no Reino de Deus, seguindo o modelo que Jesus nos deixou. Chamados para a fidelidade, não para o reconhecimento público, que pode ser uma armadilha”.

Vamos orar: "Senhor, obrigado por sua Palavra. Queremos entender e discernir de que maneira ela nos desafia, como que tua Palavra provoca em cada um de nós uma possível revisão de agenda ou de motivação para a maneira como servimos o Senhor, os caminhos que escolhemos para servir ao Senhor, ou os projetos que escolhemos nos engajar a serviço do Senhor e do Reino. Ajude-nos a entender que poder, fama e reconhecimento são manejados de certa maneira no mundo hoje em dia, com os seus exageros, estereótipos e pressões sobre nós, mas que no Reino de Deus é muito diferente. É invertido e que devemos aprender a reconhecer que tudo vem da mão do Senhor. Ajude-nos então a estarmos preparados para Te servir com fidelidade, quer seja numa posição de destaque, quer seja numa posição escondida aos olhos do mundo, mas com fidelidade e integridade no chamado que o Senhor faz para cada um de nós. Ajude-nos então a responder com obediência individualmente, mas também em obediência como povo e unidade do Senhor. Assim Te pedimos em nome de Jesus. Amém".